



CIDADE DE RUBAGA

### UMA CIDADE DA AFRICA CENTRAL

Rubaga, a nova capital dos domínios do imperador Mteza, está representada na gravura que tendes á vista. Haverá nada mais pittoresco e encantador? A povoação é mesmo no cimo da collina. As numerosas cabanas, todas de fórma cónica, deixam ver de longe os seus tectos de colmo por sobre a espessa folhagem das baneiras e dos longos cannaviaes que as circumdam.

Nas abas da verdejante collina ha varias avenidas de suave declive, muito bem construidas, orladas de palissadas feitas de cannas, por detraz das quaes estão grupadas diversas cabanas que, sob o brilho do sol, apresentam uma côr parda em meio da potente verdura que as cerca. Grande numero de indigenas, vestidos muito pittorescamente, caminham ao longo das avenidas. As túnicas brancas, inundadas de luz, formam um vivo contraste com a côr escarlate e preta dos mantos.

No cume da montanha está a habitação do imperador, ou *kabaka*, como elles lhe chamam. Governa o mais despoticamente possível, e por isso é muito temido. Não merece ser senhor de tão fertéis e formosos campos, os melhores talvez de toda a Africa Central.

Um dia a civilisação saberá aproveitar o que hoje é tão despresado.

### DE LISBOA A PARIS

#### VIII

*Madrid* é uma cidade cheia de movimento e de vida e se não é uma capital magnifica, prepara-se para em breve o ser.

Por toda a parte se estão levantando grandiosas construcções; lá se está erguendo uma cathedral, que, digna da séde de um grande paiz, será dedicada a Nossa Senhora de *Almodena*, cujo visinho oratorio e imagem são de tempos antiquissimos; lá, no dia 29 de setembro ultimo, consagraram ao culto a nova igreja de S. Jeronymo, rica de aformoseamentos do estylo ogival, em quasi tudo bella, mui differente de todos os outros templos de Madrid, nada recommendaveis nem pela architectura, nem pela materia, entrando n'esta conta a celebre *Atocha*, só digna de menção pelas tradições historicas e porque encerra os tumulos sumptuosos dos generaes *Concha* e *Prim*.

O palacio real é um dos mais bellos da Europa. Tenho pena de não ter podido visitar senão as salas do rez-do-chão, mas pela magnificencia d'estas se avalia bem que riqueza e bom gosto reinam nas salas e aposentos superiores. Vi tambem a capella, que é alegre, rica, um primor d'arte. São admiraveis os quadros da *Victoria de S. Miguel* e da *Annniciação*. As bellas columnas,

que volteam o templo, são de pórvido, bem como da mesma pedra preciosa e de ouro é o sacramento, levantado sobre o altar-mór, collocado em frente da tribuna real, perto da qual fica o elegante pulpito.

Tem boas esculpturas e as que ladeam a entrada principal, na galeria, são de Fernando d'Aragão e de Izabel a catholica, a grande rainha, a personalisação mais completa da mulher espanhola, corajosa, activa, indomavel.

A missa quotidiana d'esta capella sempre é cantada e são excellentes baritonos e baixos profundos seus capellães, que, parece, escolhem pela prenda da voz.

Na sacristia mostraram-nos alguns paramentos, riquissimos não só pelos bordados de ouro, de irreprehensivel desenho e levantado relevo, mas ainda mais pelos pequenos quadros de mui delicado pincel que por entre esses bordados sobressahem.

Mostraram-nos tambem a casa dos arreios e a das carruagens reaes, dignas de serem vistas e admiradas, pela sua riqueza e pelas suas recordações historicas, sendo muito para notar a carruagem toda de ebano e que serviu, se diz, á infeliz *Joanna a louca*.

Assistimos á entrada da rainha e das princezas, que foi a mais cordeal, e á recepção delirante do monarcha D. Affonso XII, na verdade digno do amor do povo hespanhol e do respeito da Europa, pela dedicação, que mui intelligentemente consagra á grandeza e prosperidade do seu paiz.

Por poucos dias nos podiamos demorar em Madrid e por isso, com muita magua o digo, só duas visitas fiz ao museu de pinturas, um dos primeiros do mundo, tão rico é elle de quadros de *Rafael, Miguel Angelo, Rubens, Murillo, Velasquez, Ribera, Ticiano, Goya, Tintureto, Corregio, Rembrandt, Dominiquino, Zurbaran, Arelano, Coelho, etc., etc.*

Confesso que na primeira visita não passei da primeira sala, tão profunda impressão me causou a vista de tantos primores d'arte; e na segunda visita só pude ver tres salas, porque os empregados, delicados sempre, em chegando a hora de fechar, são uns barbaros!

Como citar, como fazer selecção entre maravilhas que se succedem umas ás outras?

Direi comtudo que o insigne Goya é o poeta pintor das guerras da independencia hespanhola e das scenas populares do seu paiz. E que direi de um *S. João de Murillo* (n.º 865), de uma *Magdalena de Ribera* (n.º 911) e de um *Christo de Velasquez* (n.º 1:055)? Daria por elles um reino.

Infelizmente não pude ver os museus de *artilleria* e da *armaria real*, aos quaes fazem geraes encomios, e só de relance visitei a exposição mineira, disposta com supremo bom gosto e abundancia de machinas e de amostras da industria ceramica e de tudo que produz o subsolo d'esse paiz, tão largamente dotado pela Providencia. A entrada, em sitio apropriado, gravaram a seguinte bella poesia:

Je suis la paix, mere feconde  
de l'industrie, et des beaux arts;  
aimez moi, Peuples et Cesar,  
et faisons le bonheur du monde.

Querendo dar noticia ainda que a mais succinta da capital do visinho reino, mencionarei as afamadas *Portas do Sol*, praça irregular, não vasta, adornada de um lago e repuxo monumental, a qual é o centro do movimento de uma população de mais de 300:000 cidadãos, que vivem e se agitam n'uma extensão relativamente pequena; o arco triumphal de *Alcalá*, que dá o nome á melhor rua de Madrid; os passeios do *Retiro, Bom-retiro, Atocha, Prado e Ricoletos*, adornados de fontes e lagos, dos quaes um é extensissimo, sulcado de barquinhos, e forma com o arvoredo que o rodeia, um dos sitios mais apraziveis de Madrid.

São magnificos os palacios do museu de *pintura*, do museu *d'artilleria*, do *ministerio da guerra*, do *congresso dos deputados*, defronte do qual, cercada de ameno jardim, se eleva a estatua do famoso *Cervantes*.

É notavel o palacio do *Ayuntamiento*, o qual, com todos os seus edificios contiguos, cerca de uniforme e boa cazaria a quadrangular *plaza mayor*, ornada com um jardim e estatua.

Póde dizer-se que esta praça é o *palais-royal* de Madrid, pois que as suas quatro galerias estão cheias de boas lojas de manufacturas de todo o genero. N'esta praça se faziam os autos de fé, de sinistra e anti-christã memoria.

Em quanto estive em Madrid houve uma vez touros. É ainda o meu amigo que me noticia que a praça, de estylo oriental, sustentada por delicadas columnas, toda de pedra e ferro, é magnificientissima, mas que o espectáculo foi ignobil e indigno de um povo tão cavalheiro. O mesmo não disse da zarzuela Marina, executada inexcusavelmente no bello e comodo theatro *Apollo*.

Madrid é mui bem illuminada e a claridade que dissipa as trevas das suas noites é mui accrescentada com as brilhantes illuminações dos seus muitos e excellentes cafés, dos quaes os melhores são: o *Imperial*, o de *Madrid*, o *Fornos*, o de *Lisboa*. É este mui frequentado por portuguezes e fica proximo das *Portas do Sol*. Chamou-se outr'ora *Café comercial* e com esse nome chegou ao ultimo estado de abatimento. Um portuguez, mui estimado, o adquiriu e restaurou, e, dando-lhe o nome actual, chamou concorrencia e prosperidade. Terminarei mencionando dois monumentos, um notavel pela arte, e o outro pela recordação historica.

O primeiro é a estatua equestre de *Filippe IV*, erecta na praça de Oriente, em frente do palacio real.

É copia de um quadro de *Velasquez* (o 1:066 do museu de pinturas). O cavalleiro o cavallo, de excellente esculptura e bom effeito, estavam postos de parte. Foi a rainha D. Izabel II que os fez collocar, fazendo gravar no pedestal mui simples uma inscripção que, se não honra *Filippe IV*, não affronta a historia. Diz ella que

*Ízabel II, para honrar as artes, alli fez collocar esta estatua.*

O segundo monumento a que alludimos é a columna que, no *Retiro*, memora o martyrio patriótico dos bravos que levantaram o grito contra o detestado dominio francez, em 2 de maio de 1808.

É adornada das estatuas da *paç*, da *guerra*, da *immortalidade* e da *fama*. O tumulto que encerra as cinzas d'aquelles valentes está encravado no pedestal onde escreveram: *Las cenizas de las victimas d'el 2 de maio de 1808 descansan en este campo de lealtad, regado con su sangre. Honor eterno al patriotismo.*

Todos os annos n'aquelle dia, com a maior pompa, em presença da guarnição militar e de todas as auctoridades, o bispo de Madrid e o

clero celebram missas em quatro altares levantados ante as quatro faces do monumento.

Em todos os tempos o altivo povo hespanhol foi indomavel mantenedor da sua independencia e foros civicos.

Que o digam *Sagunto* na antiguidade, e *Zaragoza* nos tempos modernos.

Pois Madrid é digna capital de um tal povo. Afirma-o o 2 de maio e prova-o a circumstancia mui honrosa de ter sido patria de varões benemeritos como *Lope de Vega*, *Calderon* e *Quevedo*.

Deixámos esta bella cidade em 4 de outubro, e o dia 5 amanheceu nos nas margens do nosso Tejo, que nunca nos pareceram tão ferteis e tão formosas.

FIM

SILVA FIGUEIRA.

## O PINHEIRO

CONTO DE ANDERSEN)

(Continuação)

Chegou a noite, accenderam-se as velas. Que lindo! que magnifico! A arvore tremia tanto que uma das velas cahindo incendiou um dos ramos.

— Ai! ai! exclamou elle fremente; os criados correram e apagaram o fogo. Desde então a arvore nem ousou estremecer; tinha medo de prejudicar os seus ornatos; continuava louca e orgulhosa do seu esplendor.

De repente as portas abriram-se e uma alegre onda de crianças se precipitou no salão. Entraram em seguida os paes, parentes e amigos. A principio as crianças ficaram suspensas, mudas de admiração ante a arvore do Natal; mas em breve começaram a gritar e a saltar de alegria, dançando em roda do pinheiro.

Pouco depois sahiram os numeros da loteria; todos tinham seus prémios; pouco a pouco a arvore ficou sem ornatos; á medida que se proclamava um numero perdia um dos seus enfeites, que dos ramos virentes passava para as mãos das crianças.

— Que estão elles a fazer? que me acontecerá? pensava o ambicioso pinheiro.

Tudo o que elle tinha de melhor foi tirado dos ramos, as velas acabaram tambem. Então os paes consentiram no saque dos bolos que restavam. Não foi preciso dizel-o duas vezes. Lançaram-se sobre o pinheiro com tanta violencia, que teria cahido se a estrella que estava presa ao tecto o não sustivesse. Depois de o ter completamente despojado, os pequenos recommçaram as danças e os brinquedos; ninguem pensou mais no pinheiro, a não ser a velha governante que foi ver se não teria esquecido por acaso alguma laranja ou figo que ella podesse aproveitar.

— Um conto, uma historia, queremos um conto! exclamaram as crianças e fizeram sentar junto do pinheiro um velho bom e alegre que os

acompanhava, apesar da idade, nas brincadeiras.

— Estamos aqui debaixo d'uma arvore, disse o velho; este pobre pinheiro estava ainda ha poucos dias na sua floresta e talvez aproveite alguma cousa do que vou contar. Só contarei um conto. Digam lá qual querem, o de Ivede ou o de Cloumpe-Doumpe que cahiu por uma escada abaixo, alcançando mais tarde grandes honras e casando com uma princeza?

— Ivede, gritaram uns; Cloumpe-Doumpe, pediram outros. E o bom do velho contou a historia de Cloumpe-Doumpe, que cahiu por uma escada abaixo e desposou uma princeza.

Quando acabou as crianças bateram as palmas, saltando de contentes, e gritaram todas:

— Mais uma historia, mais uma só! Queriam ouvir tambem a de Ivede; mas tiveram de se contentar com a de Cloumpe.

O pinheiro ficara pensativo, na floresta as aves nunca lhe haviam contado semelhantes cousas.

— Esta historia deve ser verdadeira, pensou elle consigo; o velho que a contou parece ser digno de confiança; quem sabe se eu mesmo não terei aquella felicidade, cahir por uma escada abaixo e casar com uma princeza. Amanhã adornam-me provavelmente de novo; erguer-me-hei cheio de luzes e prendas, e escutarei mais uma vez a tal historia, e quem sabe se a de Ivede.

Depois entregou-se aos seus pensamentos e ficou toda a noite sombrio e silencioso.

Na manhã seguinte os criados entraram na sala.

— Vão arranjar-me, pensou a arvore.

Mas arrastaram-na para fóra da sala, levaram-na para o sotão, e deixaram-na a um canto.

— Que quer isto dizer? para que me trazem para aqui, onde para nada sirvo?

E encostou-se á parede reflectindo. Bastante tempo tinha elle para pensar, pois os dias e as noites passavam sem que pessoa alguma entrasse no sotão: um dia foram lá buscar umas caixas velhas, mas no pinheiro nem buliram.

— Estamos agora no inverno, pensava elle, a terra está dura e coberta de neve; esperam a primavera para me plantarem, foi talvez para isto que me abrigaram. Como os homens são previdentes! O que me custa mais é ser o sotão tão triste e só; nem sequer apparece uma lebre por aqui. Era tão bom quando um animalinho qualquer vinha brincar á minha sombra, e quando

as aves tagarellas vinham cantar e chilrear nos meus ramos! Então enfadava-me com bem pouca razão; aqui nada ha d'isso; ai! que terrivel castigo.

— Pip! pip! exclamaram dois ratinhos, que sahiram da sua toca, seguidos logo por um terceiro. Cheiraram, farejaram o pinheiro e treparam pelo tronco.

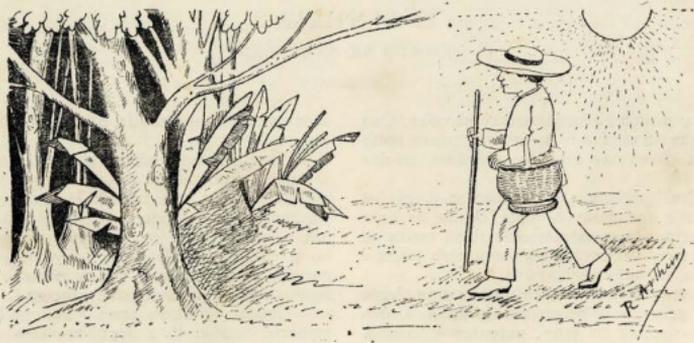
— Ai! que frio! disse um, não sentes frio, velho pinheiro?

— Eu não sou velho, disse a arvore, ha muitos mais edosos que eu.

(Continua.)

GABRIEL PEREIRA.

## OS MACACOS E OS BARRETES



Caminhando sem canseira  
Desde o romper da manhã,  
Ia Gonçalo para a feira  
Co'os seus barretes de lã.

N'um braço levava o cêsto,  
Na mão direita o cajado,  
E seguia audaz e lento  
Pelo caminho escarpado.



Porém o sol apertava,  
Fazia um calor da breca,  
Tudo, em summa, convidava  
P'ra dormir uma somneca...

Gonçalo assim o entendeu,  
No chão depôz o cacete,  
O mesmo fez ao chapéu,  
Pôz na cabeça um barrete.



Em seguida, sobre a alfombra  
Da reiva fresca e macia,  
Estendeu-se á bella sombra  
Que a ramagem produzia.

Mas no melhor do seu somno,  
Aos saltinhos, como um potro,  
Surge um mono e outro mono,  
E mais outro e outro e outro!...



Tendo notado em Gonçalves  
A carapuça exquisita,  
Quizeram logo imital-o  
— Que o macaco tudo imita...

E vendo o pobre rapaz  
Estatelado de bruços,  
Deram assalto ao cabaz  
Pondo todos carapuços.



Mas Gonçalves de repente,  
Tendo-o picado uns abrolhos,  
Acorda instantaneamente,  
Abre a bocca, esfrega os olhos...

Temendo-lhe o genio fero,  
Os macacos dizem logo:  
— Ai pernas, p'ra que te quero...  
Dando ás de Villa Diogo...



Gongalo, soltando um ronco,  
O caso consigo amola,  
Vendo os macacos no tronco  
Co'os seus barretes na tóla!

E de raiva exclama fulo  
Co'o mais solemne cavaco :  
— Não poder eu dar um pulo!  
Não poder eu ser macaco!...



N'isto a idéa lhe atravessa  
Uma lembrança sublime,  
E o carapuço depressa  
Mette no cesto de vime.

Os macacos sempre attentos  
Não suspeitam do farcista,  
E seguem-lhe os movimentos  
Nunca o perdendo de vista.



Gongalo outra vez se deita  
No chão, no mesmo lugar,  
Finge que a dormir se ageita,  
Principia a resonar.

Fazendo algazarra enorme,  
Os travessos diabretes,  
Gritam : — Em quanto elle dorme  
Vamos lá pôr-lhe os barretes.



Dito e feito; em dois minutos  
— Sempre imitando o que viram,  
P'ra o cesto, os ingenuos brutos,  
Co'os seus barretes atiram.

Gonçalo, a quem não escapa  
Toda aquella scena extranha,  
Ri-se consigo, á socapa,  
De ingenuidade tamanha.



Põe-se de pé n'um saltinho,  
Dos macacos fuge o bando,  
E elle prosegue o caminho  
Co'os seus barretes pensando:

— Com que espezteza a canalha  
Conseguí embarrilar...  
Toda a besta come palha,  
O caso é saber-lh'a dar...

D. MARIA DO Ó

## ALEGRIAS

Um pobre pae tinha um filho tão pateta, que não abria a bocca que não dissesse uma asneira. Tendo de assistir com elle a um jantar, recommendou-lhe que estivesse sempre calado, para que não o conhecessem.

O rapaz conservou-se em silencio, mesmo quando o interrogaram, de modo que um dos commensaes que estavam ao pé d'elle, disse para outro:

— Este rapaz é idiota!

— O pae — gritou logo o pateta -- agora posso fallar, porque já me conheceram!

Um tolo em posição elevada é como um homem no cume d'uma montanha: todos lhe parecem pequenos, e elle parece pequeno a todos.

Estando um viajante a jantar n'uma hospedaria da provincia, apresentaram-lhe um pedaço de carne assada, mas muito negra. O homem chamou o criado e disse-lhe:

— Que demonio de carne é esta tão negra?...

O criado respondeu como um pateta:

— Pois olhe, meu senhor, o burro era branco!

Um jornal d'Aveiro, dizia em certa occasião: «Ha tres dias e tres noites qne chove agua forte, sem a mais pequena interrupção. A ria e o Vouga, trasbordando, têm causado gravissimos prejuizos.»

Se lhes parece?... tres dias e tres noites a cahir *agua forte* (acido nitrico) *sem a mais pequena interrupção*, não havia de causar prejuizos horriveis!

D. João V, tinha apenas 16 annos quando subiu ao throno, e declarou-se a si mesmo *maior*, principiando logo a reinar... e a *governar*.

Costumava muitas vezes, metter-se em um trem ordinario, sem armas e acompanhado apenas de um cocheiro, para fazer incognito as suas digressões.

Em uma bella manhã de agosto, sahio de Lisboa para Queluz, assim, sem outro acompanhamento, e ao meio do caminho encontra um capitão de artilheria, que a pé e já bastante suado, seguia a mesma direcção. O rei fez parar o trem e disse ao official: — «Para onde vae tão cedo, sr. capitão?» — «A Queluz, meu senhor.» — «Eu tambem vou para lá, e se se quer aproveitar do meu trem, fará a jornada mais commodamente.» O capitão accetou o offerecimento.

*Confortavelmente* sentados, estabeleceu-se entre ambos o seguinte dialogo:

REI. Se não é segredo, pôde dizer-me o que vae fazer a Queluz? — CAPITÃO. Vou almoçar a casa de um meu velho amigo, que me convidou. — REI. Deve ser um optimo almoço, que o obrigava a andar quasi cinco leguas de ida e volta! — CAPITÃO. Oh! é optimo. — REI. Posso saber o que é? — CAPITÃO. Adivinhe. — REI. Já sei. Ha de ser, biffes com batatas, chá e torradas com manteiga. — CAPITÃO. Acima! acima! — REI. Vacca estufada, Perú assado, e café? — CAPITÃO. Acima! acima! — REI. Já sei. É pato de cabidella, lombo de porco e chocolate. — CAPITÃO. Acima! acima! — REI. Adivinhei. É um leitão recheiado, assado no espeto. — CAPITÃO. Ora adivinhou!

Foram conversando, muito contentes um do outro, até que o rei principiou a fallar em coisas militares, discorrendo com bastante conhecimento de causa.

O capitão, vendo um rapaz tão novo, fallar tambem sobre a materia, disse-lhe:

CAPITÃO. Pelo que vejo, *vossemecê* tambem pertence ao exercito? — REI. É verdade. — CAPITÃO. Que posto tem? — REI. Adivinhe. — CAPITÃO. Provavelmente cadete? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. Alferes? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. Capitão? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. Coronel? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. Tenente general? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. (já intrigado) — Commandante em chefe do exercito? — REI. Acima! acima! — CAPITÃO. Então, é el-rei? — REI. Ora adivinhou.

Riram-se ambos muito da aventura, e ficaram muito amigos. D. João V, que não quiz privar o companheiro do gosto de almoçar com o amigo, mandou-o ir ao palacio depois do almoço, alli se demoraram todo o dia, e depois de jantarem, regressaram de sucia a Lisboa.

D. João V era um rei verdadeiramente absoluto (como depois o foi seu filho D. José I) e deu logo ao *seu camarada* — como elle d'ahi por diante o tratava — o posto de coronel, e em pouco tempo o nomeou general.

Por muitas vezes, depois, se riam um com o outro da aventura da estrada de Queluz.

## HORAS ENTRETIDAS

201 — CHARADA

Sou de variadas côres }  
E variada materia }  
Eu sou d'alto nascimento }  
(Não cuidem ser isto leria!) }<sup>2</sup>

Sou respeitada no inverno,  
Muito estimada no verão,  
Sou superior ao homem  
Em toda e qualquer nação.

Porto

Zé FERRO.

202 — METAGRAMMA

(RETRIBUIÇÃO AO PEQUENO ANTONINHO)

Meu pequeno Antoninho,  
Homem esperto e sagaz,  
Ahi vae um metagramma  
Adivinhe se é capaz.

Se minha prima chegar,  
Tratando d'algum assumpto,  
Pôde vir triste ou alegre  
Visitar este *bestuio*.

Mas logo que ponha o pé  
Em casa da baroneza,  
E fatal uma entrevista,  
Tem *segunda* com certeza.

A *tercia* que é uma cidade  
Hoje este nome não tem,  
Vae á Africa se queres,  
Percorre as terras d'além.

Tem cautella com a *quarta*  
Que te pôde causar d'anno,  
Divide... quero dizer,  
Escolhe roupa de bom panno.

A *quinta*... não digo mais,  
É pequena a intelligencia  
D'este que se assigna aqui  
Servo de *vossa excellencia*.

Vizeu

Bêné.

\* 203 — CHARADA NOVISSIMA

Presente, isolado, delicado — 2 — 1  
Monchique

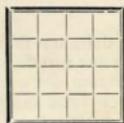
CUNHA & C.<sup>a</sup>

204 — CHARADA NOVISSIMA

Nada n'esta cidade é homem 2 — 2

205 — QUADRADO

C B



A D

Preencher com vogaes e consoantes os pequenos quadrados, de fórma que se leiam as mesmas palavras quer vertical quer horizontalmente e que os quadrados querecentes á diagonal A B, sejam preenchidos pela letra A e os da diagonal C D por diversas consoantes.

Lisboa

OS DOIS PYRILAMPÓS.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

194, Marcelino — 195, Cobra, Cobre — 196, Ricardo — 197, Programma — 198, Aveia (*istitu por erro com uma syllaba a mais*) — 199, Motejo — 200, Pecego, Pelago.